



MORREU SALAZAR

SENTINELA VIGILANTE DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

De entre todos os imensos serviços que o dr. Oliveira Salazar prestou à Pátria ao longo de uma vida de fecundo e abnegado labor, nenhum o impõe mais à gratidão dos Portugueses do que a vigilância e firmeza que sempre pôs na defesa dos nossos direitos de nação civilizadora e dos vastos territórios ultramarinos que sucessivas gerações moldaram numa pátria multirracial e una, constituindo uma herança sagrada que nos cabe manter. Durante os quarenta anos que a providência o colocou à testa dos destinos de Portugal, Salazar foi o guardião desse património, sempre atento aos perigos que se aboçavam no Mundo e pronto a intervir sem hesitação quando as circunstâncias o exigiam.

O dr. Oliveira Salazar fez em 1930 uma breve passagem pela pasta, então chamada das Colónias, em regime de interinidade, mas a sua assombrosa presença dos problemas que iam surgir ficou então assinalada com a

promulgação do Acto Colonial, mais tarde integrado na Constituição com alterações que substituíram a designação de «colónias» pela de «provincias ultramarinas», restabelecendo-se assim um uso que estava mais em harmonia com a verdadeira natureza dessas parcelas duma única pátria que a História espalhou pelo Mundo.

Logo a seguir aos gravíssimos problemas levantados pela segunda guerra mundial, as ameaças contra a integridade nacional começaram a adensar-se, sob a forma do chamado anticolonialismo, perante o qual as nações ocidentais com interesses em África capitularam, precipitando, por uma série de independências prematuras, uma fase trágica da história daquele continente.

A estabilidade e a ordem nos territórios portugueses não teriam sido afectadas por essa situação se agitadores estrangeiros não tivessem fomentado, do exterior, um covarde ataque, que, no Norte de Angola, imolou elevado número de vítimas, sem distinção de raças, ao mais feroz terrorismo. Nesse momento crítico, Salazar revelou-se o homem resolutivo capaz de enfrentar os grandes desafios da História. Perante a agressão, tomou sem demora as medidas necessárias para repelir o invasor, anunciando à nação, em palavras que são um modelo de sobriedade e decisão, o propósito de assumir ele próprio a dura tarefa de coordenar e dirigir a resistência. A 13 de Abril de 1961 declarou à nação através da Rádio e da Televisão:

«Pareceu que a concentração de poderes da Presidência do Conselho e da Defesa Nacional bem como a alteração de alguns altos postos noutros sectores das forças armadas facilitaria e abreviaria as providências necessárias para a defesa eficaz da província (Angola) e a garantia da vida, do trabalho e do sossego das populações.

Andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão.

Como um só dia pode poupar sacrifícios e vidas, é necessário não desperdiçar desse dia uma só hora, para que Portugal faça todo o esforço que lhe é exigido o fim de defender Angola, e com ela a integridade da Nação».

A DETERMINAÇÃO DE FICAR

Cinco anos mais tarde, ao agradecer a homenagem que Angola lhe prestou, Salazar explicou nos seguintes termos a decisão que então tomara:

«Em primeiro lugar correspondia à vossa determinação de ficar. O homem que fica, vivo ou morto, ocupa de facto o território; o que abala, deserta e aban-

dona-o. Só o primeiro, perpetuando-se por gerações, adquire um direito de ocupação e de posse que a história consagra como base da sociedade e de participação no Poder. Ao outro faltam os laços que, amassando terra e sangue, prendem as gerações a sucederem-se em corpo e alma, em trabalho e cultura; e desiste de criar algo de parecido com uma nação que possa considerar sua pátria.

Mas havia também a tragédia que avassalava, em golpes de ferocidade, o Norte da Província e imolava as suas vítimas, por força só do ódio e em nenhum outro nome que o da destruição e do caos. Tirar a vida, incendiar as fábricas, inutilizar as plantações, espalhar e fazer viver o terror às gentes indefesas eram antigamente actos criminosos; hoje, constituindo uma técnica, nelas assenta uma teoria de revolução que abundantemente as pretende justificar. Mas à nossa maneira, que é a maneira antiga, um governo que em tais circunstâncias não intervir para cumprir o primordial dever de garantir a segurança e a vida das populações a integridade do território, perde toda a legitimidade e a sua própria razão de ser. E, como cumprimento da sua primordial obrigação, não tem esse acto de ser agradecido.»

Dois meses e meio depois de ter assumido a pasta da Defesa Nacional e proclamado a decisão de resistir ao assalto terrorista, o dr. Oliveira Salazar, falando perante Assembleia Nacional, expôs a política do Governo nestes termos de impressionante clareza e vigor:

«Nós somos uma velha nação que vive agarrada às suas tradições, e por isso se dispõe a custear com pesados sacrifícios a herança que do passado lhe ficou. Mas acha isso natural. Acha que lhe cabe o dever de civilizar outros povos, e para civilizar outros motivos havia para delinear outros bases a política nacional.»

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA UM

MORREU SALAZAR

SENTINELA VIGILANTE DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

O CRIME DA UNIÃO INDIANA

Em fins de 1961, a invasão e ocupação da Goa pela União Indiana constituiu o que Salazar classificou com «um dos maiores desastres da nossa história e golpe muito fundo na vida moral da nação». Com uma dignidade que soube manter nos momentos mais amargos, disse Salazar:

«O Estado Português da Índia, sem expressão sensível na economia ou na força política portuguesa, contava sobretudo como padrão de um dos maiores acontecimentos da história do Mundo e da comunicação do Oriente com a vida ocidental. Deixá-lo à guarda de um pequeno país que foi com sacrifícios ingentes o fator das grandes descobertas devia ser ponto de honra de todas as nações civilizadas e das que beneficiaram da acção portuguesa no Mundo. Que este conceito se tenha chocado com outro da simples ambição expansionista é mais uma prova — e esta flagrante — nos nossos tempos da decadência da legalidade e da depreciação dos valores morais.» Salazar manteve-se no cargo de ministro da Defesa até 4 de Dezembro de 1962. Antes e depois disso, nunca cessou de travar combate com os inimigos de Portugal que, sobretudo através das Nações Unidas, pretendiam humilhar o nosso país e obrigá-lo a uma retirada ignominiosa. Consciente dos seus direitos e da sua razão, o Presidente do Conselho opôs-lhes sempre as armas dum lógica irrefutável que só a degradação da moralidade internacional impedia que fosse reconhecida pelo seu justo valor. Disse ele, por exemplo, numa lúcida exposição sobre a nossa política ultramarina em 12 de Agosto de 1963.

«Quando a nós, a crise africana veio atingir-nos num momento em que ainda se podem notar revivências de estádios anteriores de evolução, não inteiramente apagados pelo nosso esforço nacionalizador. Tais revivências, que é natural se afirmem nestes momentos convulsos, estão a ser impulsionadas por interesses estranhos, mas não têm vigor para contrapor-se só por si à unidade adquirida. A língua que ensinamos daqueles povos é superior aos seus dialectos ou não? A religião propagada pelos missionários sobreleva o feticheísmo ou não? Constituir uma nação de expressão civilizada e projecção mundial vale mais do que fechar-se no acanhado regionalismo, sem estímulos de desenvolvimento, sem meios de defesa e sem apoios para o progresso? Se respondemos afirmativamente a estas interrogações, não podemos deixar de con-

cluir que esse estado de consciência nacional criado pelos Portugueses entre povos tão diversos representou benefício para todos, benefício que se perderia inteiramente se nos descessemos em retrograder.

A existência do elemento nacionalizador na inspiração desta construção política fez que todos e em toda a parte sejam portugueses; a variação das condições geográficas e dos climas, como a preponderância de certos fundos étnicos, fazem que uns sejam europeus, outros africanos, outros asiáticos. E estas diferenças projectam-se nas normas político-administrativas por que nos regemos e no modo de convivência das populações. A unidade nacional não exige metrópole e territórios, que podem até considerar-se uma dualidade aberrante, mas exige uma capital, um governo, uma política; a variedade das populações impõe a igualdade jurídica de todas as etnias, ou seja o multirracismo nas leis e na vida; a diversidade dos territórios, da sua extensão e condições naturais leva a certa diferenciação na constituição e competência dos órgãos encarregados de administrá-los e nas suas relações com os órgãos centrais.»

O GANHO POSITIVO DE QUATRO ANOS DE LUTA

Mesmo nos momentos em que a luta era mais acesa, Salazar não descreia da inteligência e dela esperava a vindicção dos direitos portugueses. No acto de posse da comissão executiva da União Nacional, em 18 de Fevereiro de 1965, fez o inventário do caminho percorrido nesse esforço ingente de preservar a integridade de Portugal, dizendo:

«Vamos em quatro anos de lutas e ganhou-se alguma coisa com o dinheiro do povo, o sangue dos soldados, as lágrimas das mães? Pois atrevo-me a responder que sim. No plano internacional começou por condenar-se sem remissão a posição portuguesa; passou depois a duvidar-se da validade das teses que se lhe opunham e acabaram muitos dos homens mais responsáveis por vir a reconhecer que Portugal se bate afinal não só para firmar um direito seu, mas para defender princípios e interesses comuns a todo o Ocidente. No plano africano quatro anos de sacrifícios deram tempo a que se esclarecesse melhor o problema das províncias ultramarinas portuguesas, a diversidade das situações criadas em séculos naquele continente e os ganhos ou perdas, em todo o caso as dificuldades que a independência ambicionada por poucos trouxe a todos os mais e os dirigentes

não sabem ainda como resolver. Assim, bastantes povos africanos nos parecem mais compreensivos das realidades e mais moderados de atitudes. Eis o ganho positivo desta batalha em que — os portugueses europeus e africanos — combatemos sem espectáculo e sem alianças, orgulhosamente sós.»

PALAVRAS ELUCIDATIVAS

Em 30 de Novembro do ano passado, os municípios de Moçambique prestaram comovida homenagem ao grande português que tão denodadamente defendia os direitos da Pátria. São de Salazar, nessa cerimónia, as seguintes palavras, que é mais oportuno do que nunca rememorar:

«Adivinha uma pergunta: e quanto tempo será necessário para fazer cessar o terrorismo, continuando a apelar para todas as forças do nosso ânimo, a jogar todos os recursos públicos e particulares, a arriscar a vida da nossa juventude e a impor às famílias dos combatentes as mais duras provações? Quanto tempo ainda?»

«Respondo. Há em África ideologias que conduzem a subversão, e há também interesses que sobrenadam no caos e com ele estão esperanças de obter facilidades e privilégios. A «solidariedade africana» que, sem protestos, ousa pregar na O. N. U. a lealdade dos movimentos terroristas e o direito de os apoiar das respecti-

vas territorial, não dispõe senão da força que lhe advém da conjugação daquelas ideologias e dos aludidos interesses.

Mas as primeiras são apostas à sobrevivência do Ocidente; as segundas, de quem quer que sejam, não serão asseguradas senão na estabilidade dos governos e na actividade pacífica dos povos. Quando portanto vimos que o Ocidente começa a compreender estar sendo minado pelo comunismo em África, cessará a coligação absurda, diríamos sacrilégio, que tem mantido até agora, e as atitudes perante os problemas africanos passarão a ser diferentes. Na própria África os países moderados crescem em número e em influência e haverá um momento em que os extremistas terão de os deixar viver na cooperação amigável que nós lhes propomos e defendemos. Esse momento exacto da compreensão e de assistência pode não estar longe; é porém imprevisível o sincronismo de tão variados factores.

Não posso assim terminar estas palavras, como tanto desejava, com uma nota que todos — sobretudo os que mais sofrem — consideram de claro optimismo. Mas penso que deve ser-se optimista quando se está seguro de fazer durar indefinidamente a resistência. Essa possibilidade é que é a prova da força e o sinal seguro da vitória, através da qual não queremos senão continuar na paz a Nação Portuguesa.»

(De «O Diário de Notícias».)

O SILÊNCIO

Vejo-te — e vejo agora bem que os teus olhos perderam o golpe de asa, o sentido de achar, a flecha de descobrir. Um véu de tempo, de tempo seco, sem lágrimas, embrulha o teu rosto na impossibilidade impossível, desvanece-lhe os contornos, os sinais de vida. A luz ainda podia estar nos olhos, mas a luz não é algo que possa entrar neles, é algo que são eles a despedir:

Os raios da manhã levantam-se no dorso da madrugada.

Vejo-te nos olhos, duas conchas fechadas que chegaram à margem da praia, abandonadas há séculos pela água. A brisa, o vento e a tempestade não entram neles, não há fontes. Há quanto tempo desceram sobre ti as paredes das pálpebras? Em que a morte remota e antecipada te vou eu achar amor da minha vida soter-

rado entre os escombros de solidão?

Podia polir a palavra e dirigir-te, mas passaram horas acotoveladas, dispersas e confusas, empurrando-te para o silêncio. O silêncio mora nos teus olhos cegos, ávidos de se recolherem em si próprios e em si próprios se completarem.

Morram nas pálpebras, alheias e indecifráveis, como dois ladrões recolhidos na morte.

E agora, que cheguei aqui vindo de tão longe, tentando desfazer na longa caminhada o tom amarelado de decomposição que vamos achar nos velhos retratos da infância; E agora, que te vejo e que tu me olhas, que te vejo para além dos teus limites e que me olhas sem re reconhecer; Agora, que vim de um silêncio prenhe de palavras e que vim encontrar o

(Continua na página 8)

É DE HOMENS QUE SE PRECISA

É de homens que se precisa; não é de máquinas, de riquezas amontoadas, nem sequer de escritores de fama. De homens é que se precisa.

O mundo pergunta: Onde está o homem que nos há-de salvar? Não o procureis por muito longe. Ele está no meio de nós. És tu, sou eu, é qualquer de nós.

Como fazer-se homem?

Nada mais difícil para quem não quer. Nada mais fácil para quem quer.

Diógenes percorria as ruas de Atenas, em pleno dia, com uma lanterna na mão, procurando balidamente um homem perfeito.

Uma vez no mercado, exclamou:

— Homens, ouvi-me!

E, quando um grupo se formara à sua volta, disse com um tom de desprezo:

— Era por homens que eu chamava, não era por pigmeus.

Qualquer profissão, emprego ou carreira precisa de homens, homens autênticos que não percam a sua individualidade perante as multidões, no meio de massas anónimas; de homens persuasivos, que não receiam dizer NÃO, ainda que o mundo inteiro diga SIM.

De homens que, sem prejuízo dos altos desígnios de que estão animados, não permitam que a actividade demasiada de uma faculdade prejudique ou paralise o desenvolvimento das restantes, mutilando dessa maneira a sua equilibrada virilidade.

São de homens destemidos, sem ponta de cobardia em qualquer dos seus aspectos, que nos fazem falta, homens equilibrados, sem fraquezas nem defeitos, desenvolvidos harmónica e simetricamente, e não apliquem todas as energias a uma determinada, qualidade consentindo que as outras se atrofiem e morram; homens que preferam a essência à circunstância, a realidade à aparência, e prezam o seu bom nome com um tesouro de extraordinário valor.

Precisa-se de homens que, longe de estarem combatidos pelo ascetismo, enraizados ao pessimismo, irradiem vida e entusiasmo; homens que amem a beleza natural e artística, repudiem a vileza e respeitem os outros como a si mesmos; homens de uma educação integral, de sensibilidade delicada, entendimento agudo, penetrante e claro, mãos dexteras, vista perspicaz, atenção e microscópica

e coração terno, magnânimo e sincero.

Rousseau, no seu famoso tratado de educação diz-nos:

Como, pela lei da natureza, todos os homens são iguais, a sua vocação comum é ser homem; e aquela que estiver bem educado para cumprir os deveres de homem, não poderá estar mal preparado para o desempenho de qualquer profissão que se relacione com esse cumprimento.

Pouco importa que o meu discípulo tenha de ser militar, clérigo ou juríconsulto.

A natureza destinou-nos à função da vida humana de preferência às funções sociais.

Antes de tudo, tenho de ensinar a viver. Não lhe ensinarei a ser soldado, teólogo ou juríconsulto, porque primeiro tem que ser homem. A sorte poderá mudá-lo, de uma para outra categoria social, mas ele conservar-se-á sempre no seu lugar.

A educação física na infância é uma das necessidades mais instantes dos nossos dias, para que essa infância possa gozar boa saúde na adolescência.

A saúde do corpo reflecte-se no carácter. O homem enfermizo, achacado e doentio, não tem a firmeza e energia de carácter do homem são, robusto e varonil.

A natureza exige que todo o homem ocupe o primeiro lugar na sua condição, e por isso, tanto admiramos a integridade como nos repugna a deficiência.

Se, por ocasião da premar, observarmos o vaivém das ondas na praia, notaremos que uma ultrapassa o limite a que as outras chegaram, e há um momento em que nenhuma a iguala em alcance, até que, poucas horas depois, as águas cobrem e transpõem mesmo a linha atingida pela onda mais impetuosa.

Análogamente, vemos surgir, de vez em quando, de entre a multidão, um homem que se sobreleva aos outros, como que para demonstrar que a natureza não perdeu o seu ideal; e, algum tempo depois, o termo médico da humanidade ultrapassa o limite que aquele atingiu.

Apelles percorreu a Grécia, durante longos anos estudando as características principais da beleza feminina, observando aqui uns olhos, ali uma fronte, acolá um nariz, para pintar o seu famoso

retrato da mulher perfeita, que foi a maior maravilha que tem assombrado o mundo.

Da mesma maneira, o homem futuro resumirá as qualidades hoje dispersas por vários tipos de homens. Será esse o homem elevado à sua potência máxima, equilibrado, harmónico e completamente senhor de si mesmo, sem que a sua sensibilidade enfraqueça ou se embote por violação das leis naturais.

Terá um carácter excessivamente sensível às mais leves vibrações da natureza.

O melhor dos homens actuais não é senão uma profecia do homem futuro.

William James diz:

Não são as cidades coroadas de minaretes e campanários, cercadas de muralhas e ameias, com redutos fortificados e portas de-

fendidas por fossos profundos, que constituem uma nação. Não são ainda os navios de guerra, nem tão pouco as peças de artilharia.

Uma nação consiste em homens de espírito elevado, cujo poder se distinga do irracional, como este se distingue da pedra fria e do arbusto espinhoso; em homens que, conhecedores dos seus direitos e cumpridores dos seus deveres, sejam capazes de quebrar os grilhões e destronar o tirano.

Uma época como esta exige cérebros poderosos, corações robustos, fé sincera, e mãos hábeis.

Exige homens que a ambição e o suborno não dominem, que tenham critério e vontade, nunca mintam e desprezem firmemente as lisonjas traiçoeiras do demagogo; homens, enfim, aureolados pela luz, sem que qualquer mancha os empane, quer na sua vida pública, quer na sua vida particular.

MANUEL VALADAS

Os heróis do passado

Durante largos anos, Moçambique foi servindo de apoio às naus que segulam rumo à Índia, ao mesmo tempo que se ia realizando a penetração da costa para o interior, por Missionários e comerciantes.

Na tarefa de ocupação efectiva da Província, sempre depararam os Portuguezes com muitas dificuldades com algumas tribos inamigáveis, agitados pelas nações detentoras dos territórios vizinhos que sempre mostraram empenho em nos criar dificuldades, para daí tirarem vantagens.

No Norte destacaram-se os Macondes, os Namarrals e os Macuas. No Centro, os povos do Bérué e a Sul, os Vátuma, os Matabelos, os Angónis e os Landins. Com tão poucos meios de pessoal e de material para acorrer nos múltiplos focos de rebelião, só a qualidade das tropas e a excelência dos Comandos tornaram possível que na História ficassem páginas tão gloriosas como as que se escreveram em terras Moçambicanas...

Distinguíram-se nestas Campanhas, Augusto de Castilho, o pacificador da Zambézia na luta contra os Bongas que se arrastou por mais de 50 anos e em que várias expedições foram bárbaramente trucidadas e as cabeças dos Oficiais dependuradas na tuinga do Bonga, como troféus de guerra.

Após o tristemente célebre ultimato Inglês de 11 de Janeiro de 1890, segundo o qual se impunha a Portugal a imediata rejeição dos territórios do Chire e de Máchona, os piratas ingleses, levados pela ambição da conquista, instigavam por toda a parte, a revolta contra as autoridades portuguesas. Esses actos de pirataria revoltaram de tal maneira a população europeia de Lourenço Marques que imediatamente se organizou uma expedição de voluntários civis decididos a defender a má terra da invasão estrangeira. Comandava essa expedição Caidas Xavier, que a viu coroadada de êxito. Mas o nome de Caidas Xavier haveria de ficar para sempre ligado ao combate de Marracuene, que ficou notável na história das campanhas ultramarinas por ser o único caso em que se reconstituiu em combate um esquadrão roto pelo inimigo. As nossas forças que não atingiam o efectivo de 900 homens venceram em Marracuene cerca de 3.000

(Continua na página 4)

Moçambique só é Moçambique se é Portugal

«E aqueles que por obras valeram
[rasas
Se vão da lei da morte libertando
Cantando espalharei por toda a
[parte
Se para tanto me ajudar o engenheiro
[nho e a arte»

«LUSIADAS»

Assim cantava o nosso maior épico os feitos dos Portugueses, povo de heróis e de Santos, de quem o Poeta Mistral afirmou que tinha o curso do sol por arco de triunfo. Queria ele dizer que a tão altos feitos até os céus prestavam honra e glória.

Também por terras de Moçambique se escreveram páginas gloriosas. Foram muitos os portugueses que os regaram com o seu sangue em afirmação perene de que «Moçambique é Portugal». Há caminhos não andados que esperam por alguém, Moçambique não se cansa de gritar! Portugal vê!

Faço minha a afirmação de Marcelo Caetano: «é preciso ter-se saído de Portugal para aprender o melhor o amor no silêncio do nosso coração. É indispensável sair-se de Portugal Metropolitano e percorrer a África Portuguesa, para mais orgulhosa e definitivamente a compreender e para lhe consagrar todas as fibras da nossa alma e toda a carne do nosso corpo».

A história de Moçambique fizeram-na os Portugueses desde Vasco da Gama que a 10 de Janeiro de 1498 ancorou em Inhambane a caminho da Índia. Chamou à Baía «RIO DO COBRE» e à localidade «TERRA DA BOA GENTE». Em seguida ancorava no rio de Quelimane a que chamou «RIO DOS BONS SINAIS» pelas informações favoráveis que ali colheu sobre o Caminho Marítimo para a Índia. Em 2 de Março do mesmo ano ancorou na Ilha de Moçambique que veio a ser o primeiro lugar da nossa ocupação definitiva da Costa Oriental do Continente Africano. Só em 1505, começou a verdadeira ocupação militar de Moçambique, com a construção de uma fortaleza em Sofala, mandada edificar por Pedro da Nôa.

Desde então não faltaram heróicos atrevimentos nesta pequena casa Lusitana. E o maior atre-

vimento proclamou-o bem alto o mais prodigioso génio da nossa literatura a seguir a Camões, o P.º António Vieira, expressando em belas formas literárias, para honra e glória da nossa Pátria, a doutrina do mais generoso humanismo que sempre foi, e é e nunca poderá deixar de ser o ideal e a lei no Portugal de Aquém e de Além Mar.

«As nações, umas são mais brancas, outras mais pretas, porque umas estão mais vizinhas, outras mais remotas do sol. E pode haver maior inconsideração do entendimento, nem maior erro do juízo entre os homens, que cuidar eu que hei-de ser senhor porque nasci mais longe do sol, e vós que haveis de ser meus escravos porque nascesteis mais perto do mesmo sol? Os homens de qualquer cor ou raça todos são iguais por natureza e mais iguais ainda por Fé se creem e adoram o mesmo Deus. Ide ao Inferno, ide à Turquia, porque não pode haver Turco tão Turco na Turquia, nem Demónio tão Demónio no Inferno que diga que um homem livre pode ser escravo».

Portugal, proclamando a lei da multirracialidade, no Areópago das Nações Unidas, prestava ao Mundo Africano o maior contributo de libertação e agarrava-se, para defesa dos seus direitos, aos princípios mais sagrados e inatacáveis da civilização humana. Enquanto potências estrangeiras alimentam uma guerra injusta, fornecendo armas e dinheiro a bandos de criminosos, Portugal, consciente dos seus direitos, continua a sua vocação de país civilizador, cuja único pecado é o de defender a civilização do Ocidente.

Dizia o historiador Inglês Roy-mond Brazley: «Os Portugueses são para nós alguma coisa como os fundadores da civilização moderna. «E Von Braun, o Director e a Inteligência criadora da Nasa, a quem se deve a conquista da Lua, acrescenta: «A maior contribuição dada até hoje por um povo para a história da civilização foi a dos portugueses: Portugal deu novas terras ao mundo; nós os cientistas do Espaço, dar-lhe-emos novos planetas.»

Por isso, ainda hoje, as grandes nações coloniais não perdoam a Portugal o ultraje que este País

tão pequeno lhes fez em manter intacto o seu imenso território quando eles foram obrigados a abandoná-los de maneira tão insensata e precipitada, prejudicial não só para o Ocidente, mas até para os novos países independentes.

São inteiramente justas palavras de Stefan Zweig: «a hora da maior coragem na história da Europa, é a hora do esforço português». Ninguém realizou tarefa tão grande com força tão pequena.

Que Portugal continue nos seus heróicos atrevimentos «pois, se nestas terras se não guardar verdade e humanidade, a soberba nos derrubará quantos muros tivermos levantado por mais fortes que sejam». Muito se tem de progredir no caminho do progresso e da educação para que todos, qualquer que seja a cor da pele, possam participar das riquezas materiais e dos bens da cultura, que não podem ser apanágio dum tanto, mas um bem comum ao alcance de todos. Cada passo que se dá, no progresso e na justiça social, é no caminho da vitória.

Só assim, em bases de justiça e fraternidade, é que Moçambique será sempre Portugal. Foi o que Camões, o intérprete genial da nossa história, cantou em versos incomparáveis:

«Vós Portugueses, poucos quanto
[fortes
Que o fraco poder vosso não
[pesais
Vós que à custa de várias mortes
A lei da vida eterna dilatais.»

* * *

Os portugueses têm provado com a sua grande certeza histórica, que é provável existir e manter-se em perfeita coesão uma verdadeira comunidade de povos sob a mesma bandeira, independentemente da cor da pele, do local de nascimento e da religião professada

* * *

Se encontrares um pobre e lides uma esmola, mata-lhe a fome por um dia; mas se o ensinares a trabalhar, mata-lhe a fome para toda a vida

* * *

Não basta reprimir as acções violentas com outras acções violentas; é necessário actuar sobre o espírito dos indivíduos, difundir ideias verdadeiras e prová-las com actos, mostrando à população um caminho mais aliciente e mais favorável do que aquele que lhe é apontado pela subversão

A REDACÇÃO

Os heróis do passado

(Continuação da página três)

guerreiros inimigos. Destroçado o perigo bélico das Vátias a sua completa submissão só se tornaria efectiva com a captura do temível Gungunhana, mercê da acção arrojada e fulgurante de Mouzinho de Albuquerque. Tendo sabido do paradeiro do Gungunhana, acompanhado apenas por três oficiais e 46 soldados brancos, entrou com extraordinário sangue frio na aringa de Chalmite e perante a estupefacção de milhares de guerreiros que guardavam a paliçada, humilhou o orgulhoso Gungunhana, obrigando-o a sentar-se no chão. Apriou-o e levou-o consigo sem que um só dos seus súbditos o tentasse evitar.

Na luta contra a invasão alemã, distinguiu-se o valoroso capitão Francisco Pedro Curado. Os alemães, no seu avanço em território nacional, depararam em três de Dezembro, com um punhado de portugueses que defendiam a posição da serra Mecula, comandados pelo valoroso capitão. O general germânico Von Lettow não ocultou o seu assombro e manifestou o seu apreço de militar pela bravura deste punhado de valentes.

Eram assim os Portugueses de outrora, devem ser assim os portugueses de agora. O segredo do triunfo está no vigor da vontade de vencer. Sabemos ser sempre «Excelentes e Valorosos».

24 horas em Moçambique

Por A. SILVA PEREIRA

Os raios solares penetraram através da janela semi-aberta e, dando-me os bons dias, convidaram-me a ir saborear a manhã fresca do dia calmoso. Ao fundo e no canto ainda escuro ouvia-se harmoniosa música que remediava o mal provocado por algum sonho menos consolador.

Era domingo!

Acordando então ao convite anteriormente feito, levantei-me. Lá fora ouvia-se já o ruído do desenvolver da habitual vida quotidiana. A manhã ia rompendo, e minutos depois entoava no ar o som do clarim que levava ao mais pequeno recanto a mensagem do bustear da bandeira que ficou em breve a flutuar ao vento no meio de um punhado de homens que se vangloriavam, de rosto bem levantado e olhos alegres, do acto a que acabavam de assistir. Era então bem testemunhado o exemplo dos seus antepassados que, através de sangue, suor e lágrimas, deixaram bem vincado o honroso dever pátrio.

Continuei e, mais adiante, viam-se pequenos grupos que se encaminhavam para a minúscula capelinha, onde se dirigiam para cumprir o preceito dominical, e mais uma vez mostravam seguir as pisadas d'OS SEMPRE EXCELENTE E VALOROSOS, lutando ao serviço de Deus e da Pátria.

Proseguindo o meu passeio matinal, encontrei-me em pouco tempo rodeado por inúmeras e

diminutas «palhotas» que guardavam no ventre a população nativa a qual consegue vencer problemas de sobrevivência quando ao seu esforço é estendida a mão amiga das Nossas Tropas. Aqui e além apareciam montões de crianças onde, por vezes, as mais crescidas transportavam, à sua maneira própria, outras de tenra idade vivendo sempre alegres o ambiente único que conheceram.

Estava já quase a regressar ao ponto de partida, quando à distância observei que um grupo de crianças saltitavam e estendiam as suas mãozinhas para receber de alguns elementos das Nossas Tropas rebuçados e outros petiscos de apreço com os quais se deliciavam, ficando uns e outros satisfeitos de tal convívio.

Entretanto a tarde caía enquanto um ou outro ia riscando na agenda mais um dia que era diminuído ao número ainda existente, que os separa da terra desejada, findo o qual irão abraçar os seus entes queridos.

O sol desceu o horizonte e agora esperava-se o regresso das frentes de combate de um grupo de camaradas que tinha partido com missões específicas. Por fim chegaram e confraternizaram todos agradecendo mutuamente o esforço despendido.

O domingo estava ao fim já estava entre nós a noite serena que nos havia de conduzir a outro dia brilhante do Batalhão de Caçadores 2008.

Mensagem de paz e amizade do Comandante-Chefe das Forças Armadas

«Macondes. Fala-vos o Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique. Lêde com atenção. Pensai no que vos digo. Macondes. Respeito o vosso povo. Sou católico como vós. Admiro as vossas qualidades guerreiras.

Mas, Macondes, estais errados. Estais do mau lado e no mau caminho. Fostes enganados e traídos. Os estrangeiros são pagãos e racistas que apenas querem a riqueza da terra portuguesa, não nossa como vossa, a riqueza do chão maconde. A FRELIMO apenas vos trouxe desgraça, sofrimento e morte.

Macondes, é tempo de reconsiderar. É tempo de acudir a opressão da FRELIMO e de virdes até nós, que somos vossos irmãos portugueses, católicos e anti-racistas.

Macondes, ofereço-vos paz e amizade.

Ofereço-vos esta grande oportunidade. Aproveitai-a, Macondes, que pode ser a última.

Esta mensagem do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique, general Kaulza de Arriaga, foi lançada sobre o núcleo central do terrorismo em Cabo Delgado, em pleno planalto maconde, por um avião da Força Aérea Portuguesa no «DIA D», la começar a grande operação de assalto à base provincial Moçambique, com o destacamento Moçambique, ao batalhão Gungunhana; ao acampamento dos Serrecos; ao hospital Magude; ao centro Ruanda e a outros pequenos núcleos que formam uma cintura de protecção a todo este conjunto de posições e forças inimigas.

Mensagem de paz e de amizade, mas também de firme determinação, ela contém em si toda a verdade.

A operação «no Górdio» terminou com o assalto à base «Moçambique», a mais importante de todas pois nela se situava a chefia política e militar da Frelimo em território nacional. Era constituída por fortes abrigos anti-aéreos e por palhotas requintadamente feitas em estilo Oriental e que denotava bem o luxo em que os chefes viviam ao contras-

tar com a pobreza e a miséria dos terroristas.

Foram também ocupadas as bases Gungunhana e Nampula importantes depósitos de armas pesadas. O armamento capturado ao inimigo em pouco mais de três meses totaliza já 35 toneladas. De origem chinesa, esse armamento será distribuído a algumas das nossas unidades pois é de excelente qualidade.

A Emissora Russa «Paz e Progresso» numa das suas emissões contra Portugal, desta vez dedicada à ofensiva Portuguesa contra o terrorismo, diz:

«De que maneira Portugal obtive recursos para uma operação militar de tamanha envergadura?... Segundo se sabe, esta operação tinha sido preparada seriamente.

Os americanos concederam ao Governo Português um empréstimo em condições muito vantajosas para financiar esta operação. Para o início desta operação, os colonialistas receberam da OTAN grandes carregamentos de armas, inclusive helicópteros blindados e munidos de foguetões que tinham sido utilizados apenas, até então, no Vietname. Na grande operação participaram conselheiros americanos...».

O Comandante-Chefe das Forças Armadas fez a entrega da Bandeira Nacional ao Comando do novo aquartelamento de Muera (ex-base Nampula).

«Aqui, nesta área, onde há bem pouco tempo, o inimigo tinha as suas principais organizações e se situava a direcção política e o comando militar da subversão em todo o Cabo Delgado, aqui, sr. Comandante, lhe entrega a bandeira nacional que, à sua guarda e dos seus sucessores, permanecerá, neste novo aquartelamento de Muera, como símbolo da soberania de um país livre e progressivo e da presença de um povo generoso, justo e bom, mas de um país e de um povo que sabem o que querem e sabem querer».

Durante a cerimónia de entrega da Bandeira Nacional às for-



CONQUISTAR AS POPULAÇÕES É VENCER A GUERRA

(Continua na página 8)

O MUNDO EM NOTÍCIAS

Coordenações do Alf. Miliciano José Maria G. Pereira

A LUCIDA ATITUDE DO SR. HEATH PERANTE A RODÉSIA E A REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL

Entre os muitos aspectos construtivos do discurso do Trono, proferido pela Rainha Isabel II na abertura do Parlamento britânico, há que reter as perspectivas saudáveis que surgem perante o facto de o novo Governo, presidido pelo sr. Edward Heath, se propor fazer novas diligências no sentido de encontrar uma solução capaz para o problema da Rodésia.

Trata-se, na realidade, de uma situação difícil e triste que o sr. Wilson só agravou à medida que o tempo passava, prejudicando não só as relações entre irmãos de sangue, como as populações negras directamente interessadas, e ainda terceiros que, sem nada terem em absoluto com o caso, vêm a sofrer graves e importantes prejuízos de que ninguém os compensa.

Na verdade, a cecia dos conservadores ao Poder deu origem a grandes esperanças, quer na Grã-Bretanha, quer na Rodésia, quanto à hipótese de, através de novas conversações, realizadas não num espírito de «vendetta» e de antagonismo pessoal mas de compreensão mútua, se estabelecer um «modus vivendi» que permita pôr termo às maldadas sanções, que não resolveram coisa alguma, antes pelo contrário. E acabar com medidas tão mesquinhas e inqualificáveis como aquela que obriga os recipientes, em Inglaterra, de cartas oriundas e estampilhadas na Rodésia a pagar nova franquia para entrarem na sua posse.

Por outro lado, num momento de tão crucial crise como aquela que se atravessa na Média-Oriente — na opinião do Presidente Nixon pior do que a registada no Sueste Asiático —, e em que a rota para a África se encontra altamente ameaçada, é inteiramente absurdo que a Grã-Bretanha continue a procurar enfraquecer, em vez de reforçar, um baluarte como é a Rodésia. Atitude totalmente despiada de lógica e que pode ser perfeitamente corrigida sem postergar os direitos da população negra rodésiana, de resto já devidamente acuteladas pelo Governo de Salisbury através da Constituição do país.

Outra atitude do sr. Heath digna do maior escárnio e que encontra inteira apoio em Sir Alec Douglas-Home, ilustre chefe do Foreign Office, tal como no caso da Rodésia, é a decisão de pôr cobro ao embargo da venda de armas à República da África do Sul, igualmente relevantíssima baluarte do Ocidente em África.

Justificando a sua atitude, o sr. Heath afirmou que a Grã-Bretanha possui interesses vitais de defesa naquela República, os quais não podem ser desprezados, mas antes tomados em consideração.

E acrescentou que não se deixará arrastar por caminhos que podem acarretar irreparáveis prejuízos à Grã-Bretanha sem que cheguem a ter qualquer efeito prático quanto à obtenção dos resultados que os seus mequívocos advogados pretendem alcançar.

Volta-se, assim, a ouvir nos Comuns e na bancada ministerial a voz do bom senso, do equilíbrio e da prudência. E, sobretudo, regressa a noção exacta de que a África Austral desempenha, na defesa do Ocidente, um papel vital que não pode ser, de facto, nem esquecido nem menosprezado.

DEVERÁ VERIFICAR-SE A REAPROXIMAÇÃO COM PORTUGAL SOBRE AS FORMAS E MEIOS DE UTILIZAR A ALIANÇA PARA SE ESTABELEÇER A DEFESA DO ATLÂNTICO SUL

— proposta constante de um projecto de trabalho do governo conservador britânico, que provocou na O. N. U. a irritação dos afro-asiáticos

Aquele documento passa em revista a situação em três áreas do globo: a zona do Golfo Sueste da Ásia e o Atlântico Sul e Oceano Índico.

Sugere que «politicamente o primeiro passo seria o de restabelecer relações baseadas no reconhecimento de interesses mútuos com a África do Sul, a fim de encorajar o comércio e a venda de armas para defesa externas».

Na sua única referência a cessão rodésiana advoga que a «farsa das sanções à Rodésia, deve terminar».

Diz ainda o relatório que a actual situação «conduzirá a África do Sul do isolamento político forçado a adoptar uma certa forma de neutralidade sem compromissos. Uma consequência imediata da neutralidade seria a negociação das facilidades da base de Simonstown à Marinha Britânica».

Espera-se que este documento se converta na principal arma contra a Grã-Bretanha num debate no Congresso da Segurança, sobre o embargo da venda de armas à África do Sul, que as nações afro-asiáticas projectam convocar antes do fim deste mês.

Segundo a versão corrente nas Nações Unidas «a política conservadora devia favorecer a tendência entre os estados indepen-

entes africanos para encorajar o entendimento entre esses estados, por um lado e Portugal, Rodésia e África do Sul, por outro».

«Devia ser tornado perfeitamente explícito de que uma tal política resulta, no final, no interesse da África, como um todo. Se o Malávi pôde conseguir um tal entendimento, sem perder o desenvolvimento separado, seguramente que não necessitamos de ser menos realistas».

Sobre a questão naval e militar, devem ser tomadas medidas para reactivar o acordo de Simonstown e voltar a negociar a estrutura do comando, incluindo a re-nomeação de um Comandante Chefe naval para a área».

O relatório «condicional» de quinze páginas «recomenda, também que «a prática, segundo a qual submarinos do Reino Unido efectuavam manobras com a Marinha de Guerra sul-africana deve ser estabelecida e aumentada».

«Deverá verificar-se, também re-aproximação amigável com Portugal sobre as formas e os meios de utilizar a aliança anglo-lusa para serem estabelecidos mutuamente acordos válidos e práticos de defesa do Atlântico Sul».

O BLOQUEIO BRITÂNICO AO PORTO DA BEIRA É UM BLOQUEIO RIDÍCULO — AFIRMOU NA CÂMARA DOS COMUNS O DEPUTADO PATRICK WALL

O bloqueio britânico ao porto da Beira voltou a ser criticado asperamente na Câmara dos Comuns, tanto por conservadores como por trabalhistas.

Patrick Wall, membro do Partido Conservador, disse: — «Trata-se de um bloqueio ridículo que não goza de popularidade nem da Royal Navy, cujo preço elevado tem de ser pago pelos contribuintes e que não tem a mínima eficiência, porque a Rodésia pode adquirir petróleo onde quiser».

A REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL DISPÕE DOS ELEMENTOS NECESSÁRIOS À FABRICAÇÃO DE BOMBAS ATÓMICAS

Fornecendo pormenores sobre a revelação feita ontem no Parlamento, sobre a descoberta de um novo método para enriquecimento do urânio, o Primeiro Ministro da África do Sul John Vorster sumariou anunciando que o país dispõe, agora, dos elementos essenciais para a fabrico de uma bomba atómica, mas, garantiu que os pesquistas de carácter nuclear efectuadas pelo seu país são dirigidas para finalidades pacíficas.

E acrescentou: «Não escapará a atenção de ninguém de que a produção em larga escala, de urânio enriquecido poderá dar à África do Sul o potencial para desenvolver armas atómicas».

Explicou que a obtenção de urânio enriquecido está sujeito a controlo internacional, mas a África do Sul não necessita já obtê-lo de outros países.

Prosseguindo, o primeiro-ministro anunciou que a República se concentraria, em primeiro lugar, na venda do produto enriquecido — uma decisão completamente dentro do âmbito de procurar obter as máximas receitas dos produtos minerais, refinando-os antes de exportá-los.

Neste sector económico a rápida procura de urânio enriquecido colocará a África do Sul numa forte posição, como vendedor.

E na esfera mais lata das questões internacionais, tem ao seu dispor um potente dissuasor. Agora dispõe de um produto do qual o mundo ocidental tem necessidade urgente e comanda técnicas científicas que aumentarão o valor do país junto dos seus aliados.

Com um tal ponto de vantagem, estará em melhor posição, por exemplo, para negociar com outros arranjos que vivem na dívida com a sua importante missão na segurança do ocidente.

Internamente, o cometimento terá, igualmente grande significado. As receitas em potencial a tirar das reservas nacionais de urânio, serão aumentadas substancialmente, e, simultaneamente a necessidade de dispendir grandes somas em divisos para a compra de urânio enriquecido, no estrangeiro, será eliminada... e a energia gerada nuclearmente, na República, tornar-se-á uma proposição muito mais económica do que anteriormente.

A República tornou-se numa potência nuclear e hoje tem ao seu dispor um novo e poderoso instrumento para auxiliar a moldar e controlar a forma do seu futuro.

ISRAEL ACEITOU AS PROPOSTAS DE PAZ ELABORADAS PELO GOVERNO NORTE-AMERICANO

Depois de dias de hesitação, Israel aceitou as propostas norte-americanas para conversações indirectas israelo-árabes, para a solução pacífica da crise do Médio Oriente, as quais serão precedidas por um cessar-fogo de 90 dias, seguindo-se, depois, a retirada das forças israelitas dos territórios ocupados.

Já se vislumbra a Paz para o Médio Oriente.

(Continua na página 7)

FRELIMO DERROTADA

- 35 TONELADAS DE ARMAMENTO APREENDIDAS AO INIMIGO
- ALGUMAS UNIDADES DAS NOSSAS FORÇAS VÃO SER EQUIPADAS COM O ARMAMENTO DE ORIGEM CHINESA APREENDIDO AO INIMIGO
- NO CORAÇÃO DO TERRORISMO FICARÁ O AQUARTELAMENTO MUERA
- PELA PRIMEIRA VEZ, NA PRÓPRIA EX-BASE NAMPULA FOI IÇADA A BANDEIRA NACIONAL

Desde o início das operações realizadas em Cabo Delgado a partir de 10 de Junho, fez-se crer ao inimigo que a acção das nossas forças jamais incidiria no núcleo onde se situa a base provincial de Moçambique.

Para isso e durante um longo período de tempo, as Forças Armadas, evitaram qualquer acção na área e desviaram as atenções do inimigo para as operações «Dureza», «Rodovia» e «Doninhas», que culminaram com a destruição das bases Beira e Limpopo, na última das quais foi já apreendido material que ultrapassava as vinte toneladas. Desarticulado psicologicamente o inimigo com estas acções de envergadura que, simultaneamente, lhe fecharam um importantíssimo corredor contíguo na gíria por «avenida da liberdade», começou a ser flagelado, através de uma intensiva acção psicológica e bombardeamentos de artilharia e aviação.

Batido em diversas frentes, o inimigo começou a manifestar a maior desorientação.

Como elemento revelador da desorganização reinante nas suas hostes verificou-se uma diminuição vertical de minas nos diversos percursos que até então constituíam um vastíssimo campo de actividade.

Mueda, entretanto, registava um movimento fantástico, nunca antes atingido. Enormes columnas chegando e partindo, acampamentos improvisados por toda a parte, bolinas de todas as cores, armas de todos os feitios, emprestavam-lhe um cenário bélico, dando-lhe toda a grandeza de verdadeira capital da guerra contra o terrorismo.

O «Dia D» aproximava-se vertiginosamente e o Comando Operacional das Forças de Intervenção (COFI) sob cujo comando

iam decorrer todas as operações, ultimava os necessários preparativos que, operação de semelhante envergadura, exigia. Sob a orientação directa do general Kaúlza de Arriaga, os oficiais do COFI, sob o comando do coronel para-quadista Arnaldo Martins Videira trabalhavam intensivamente, de noite e de dia, no estudo de todos os pormenores técnicos, de ordem estratégica e logística, para que a operação «Nó Górdio» decorresse dentro dos princípios estabelecidos e atingisse o objectivo determinado.

Assim, foi iniciada a deslocação de força para os locais escolhidos.

As áreas onde se ia desenrolar a operação «Nó Górdio» que visava a destruição dos últimos redutos onde o inimigo se enraizara, eram fundamentalmente constituídas pelas bases Moçambique, Gungunhana e Nampula e seus numerosos órgãos de apoio, segurança e vigilância. A base Moçambique era a mais importante organização inimiga em toda a Província pois nela se situava o órgão de chefia político e o comando militar de toda a subversão. As bases Gungunhana e Nampula eram também importantes por se destinarem a depósito e guarda de armas pesadas e triagem do material vindo da fronteira. A operação «Nó Górdio» começou pela realização de acções aéreas e terrestres de diversão e a abertura de itinerários por tropas da Engenharia protegidas por caçadores destinados ao estabelecimento do dispositivo inicial.

Com a abertura de diversos percursos ou recuperados alguns de há muito abandonados, grupos heróicos da Engenharia passaram, a partir do «Dia D», a circular, ininterruptamente, diversas forças de combate, que reduziram as possibilidades de fuga do inimigo.

Montado todo este sistema de ataque as forças de intervenção e assalto começaram a movimentar-se em direcção ao objectivo, estabelecido que foi um sistema de comunicações eficiente.

Ao mesmo tempo, a Força Aérea Portuguesa e a artilharia, concentraram em Mueda, Mitêda, Nangololo e outros pontos estratégicos, o material necessário de apoio às forças de intervenção.

Posto em acção todo este dispositivo que deixamos descrito nas subs linhas gerais, iniciou-se o avanço para as posições inimigas, pelos acessos abertos pela Engenharia, apoiado pelos destacamentos de intervenção que incluíam artilharia, comandos, pára-quadistas, caçadores especiais, fuzileiros navais e grupos especiais, tudo com o apoio e cobertura da Força Aérea.

Um esforço extraordinário, ia ser desenvolvido, com a finali-

dade de desalojar o inimigo dos seus redutos, reduzir ao mínimo as suas possibilidades de subsistência, libertar as populações do jugo a que viviam sujeitas e, por fim, perseguir e bater os terroristas armados dentro da área do cerco estabelecido e dentro do qual teriam de dispersar-se.

A partir do «Dia D» e num sincronismo perfeito, esclarecidos convenientemente todos os fins da operação, iniciaram-se os movimentos, que haveriam de conduzir ao desmantelamento das bases e, sobretudo, ao desequilíbrio psicológico do inimigo, cujos reflexos não-de sentir-se, desde os mais baixos, aos mais altos escalões da própria FRELIMO.

Estava desencadeada a mais vasta operação até hoje realizada em Moçambique e com ela a mais significativa das iniciativas tomadas contra o terrorismo em Cabo Delgado.

O MUNDO EM NOTÍCIAS

(Continua do da página sete)

A FRANÇA NÃO REGATEARÁ O SEU APOIO A PORTUGAL — AFIRMOU O EMBAIXADOR FRANCÊS EM LISBOA

Referindo-se à posição do seu país na Europa, o Embaixador declarou que «bastantes progressos já foram realizados e que a construção europeia mostra-se hoje suficientemente sólida para que o seu alargamento seja desejável e se tenha tornado possível. Esta perspectiva interessa a Portugal, que poderá estabelecer com a C.E.E. laços que se afiguram indispensáveis ao prosseguimento do seu desenvolvimento. Decerto isto dará lugar a estudos e negociações delicadas, durante os quais a França não regateará o seu apoio a Portugal, visto que ela só tem compreensão para os seus problemas e simpatia para com as suas aspirações».

UM DOS ASPECTOS POSITIVOS DA GUERRA É O DA SELECÇÃO DE VALORES — DECLAROU AO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» O GOVERNADOR DA PROVÍNCIA DA GUINÉ

«Neste clima de sublimação do culto do dever para com a Pátria, os que aqui arriscam a vida têm o direito de exigir que respeitem e honrem os seus mortos, substituindo a torpe arquitectura de versões fantasistas pelo firme propósito de tudo fazer para que o sacrifício dos bravos não seja em vão» — afirmou o Governador da Guiné, general António de Spínola, na segunda parte da sua entrevista ao jornalista Fialho de Oliveira.

Ao responder à pergunta do

jornalista no sentido de que «alguns oficiais das mais variadas patentes regressaram à Matrópole antes do termo das suas comissões», o general António de Spínola disse, nomeadamente: — «É forçoso reconhecer-se que um dos aspectos positivos da guerra é o da selecção de valores. Dado que o sucesso pertence aos mais dotados, impõe-se, portanto, em alturas de crise, não atribuir responsabilidades superiores às suas qualidades e real méritos».

No desenvolvimento das suas declarações o Governador da Guiné acrescentou: — «Uma guerra subversiva nunca está definitivamente ganha, pois que a todo o tempo é susceptível de reversões, desde que a facção que a ganhou descure qualquer dos princípios em que alicerçou a vitória. Uma guerra subversiva pode estar ganha sem estar terminada, podendo o processo de pacificação demorar ainda largo tempo para além do momento em que se alcançou a vitória».

Não tendo, por isso, quaisquer dúvidas em afirmar que na Guiné entramos na fase de pacificação, cominhando para o fim da guerra, na medida em que a população verifica que é à sombra da Bandeira Portuguesa que encontra satisfação dos seus anseios de promoção e de justiça social, e, ainda na medida em que se sente vítima de uma guerra cujo prolongamento contraria a rápida materialização das suas aspirações a uma vida melhor.

Quando o Governo e o povo se identificam na concretização do mesmo ideal, a guerra não pode deixar de considerar-se ganha».

DROGA — Chave do mundo da irresponsabilidade

Continuação

Ficção e realidade

Não há dependência física em relação à cocaína nem, por consequência, síndrome de abstinência em caso de suspensão. Toda a ilusão a uma dependência cocaínica é falsa, a menos que não seja especificado que se trata de aspectos psíquicos ou mentais. Parece que as informações fantasiadas sobre a cocaína abundam, pois até mesmo os peritos se referem nos seus trabalhos à «cocaínomania». E alguns clínicos continuam a fornecer cocaína aos seus doentes julgando que se encontram em estado de dependência física.

Não quer dizer que a cocaína esteja isenta de efeitos prejudiciais graves. Não somente estimula violentamente o indivíduo que a ela recorre, dando-lhe uma sensação exagerada de potência muscular e mental, mas ainda por razões desconhecidas, parece desencadear pela continuação sentimentos paranóides. A característica mais flagrante de uma tal paranóia reside no medo profundo que o indivíduo tem que um «complot» se esteja a organizar para o prejudicar, para o maltratar ou para o destruir.

A mais perigosa reacção de um paranoico é a de contra-atacar o presumível inimigo. Estes sentimentos, muitas vezes latentes nos criminosos que recorrem à cocaína para a estimulação que ela dá, podem conduzi-los à violência e ao assassinio. É por isso que o mito do toxicómano sem clemência, mito que envenenou durante muito tempo o estudo objectivo da droga, parece derivar do comportamento violento e imprevisível dos criminosos que se encontram debaixo da influência dum dose forte de cocaína.

Os efeitos físicos da cocaína escalonam-se desde a perturbação digestiva, a insónia, a superexcitação até às convulsões e às alucinações graves.

Essas alucinações eram consideradas até há pouco tempo como os efeitos acessórios lastimáveis da cocaína; hoje utiliza-se uma nova série de drogas expressamente preparadas para provocar alucinações.

A chave do mundo alucinante

Estas drogas são designadas tanto como alucinogéneas como psicofarmacológicas, mas para os que julgam que o L. S. D. ou a psilocibina permitem chegar ao estóse, existe o termo «psicodélico» ou «dilatação do eu».

Numerosas substâncias naturais alucinogéneas têm sido associadas a práticas religiosas. A mais conhecida deriva do «pejoll» um cacto do deserto que os índios do México e dos Estados Unidos mascavam para ter visões. Os químicos isolaram o princípio activo do «pejoll» um alcalóide chamado «mescalina» — e fizeram a sua síntese. Um outro desses alucinogéneos naturais, a psilocibina, é tirada do cogumelo. Existe enfim o L. S. D. (amido lisérgico) que provém de um alcalóide, fungo parasita do trigo «PeJoll», mesmo calina, psilocibina e L. S. D. produzem todos os mesmos efeitos, mas as opiniões variam sobre a forma de os descrever e medir.

É evidente, porém, que tem um papel muito importante a atitude e o estado de espírito do indivíduo que toma uma droga alucinogénea, assim como o ambiente no qual a experiência se desenvolve. Esta circunstância é verdadeira para qualquer droga mas que tem uma força especial quando se trata de uma substância tão potente como o L.S.D. cuja milionésima parte de um grama por quilo do corpo, do indivíduo é suficiente para produzir alucinações.

Este condicionamento preparatório, antes mesmo que se tenha recorrido à droga, tem uma importância muito especial pois que dele depende o resultado final da experiência. Ora se é necessário que o indivíduo se encontre num estado de espírito favorável, como o pretende Timothy Leary, antigo professor que se encontra à cabeça do movimento para a propagação dos alucinogéneos, isso significa também que são pouco significativas as experiências onde a pessoa ignora o que se lhe dá e os efeitos da droga teriam imediatamente mais relevo. Os partidários do L.S.D. contestam afirmando que se a droga produz an-

siedade, é porque as circunstâncias em que é tomada estão por si próprias já impregnadas de angústia.

O êxtase cósmico

Por maior que seja a complexidade do problema vamos tentar descrever tão objectivamente quanto possível o efeito do L.S.D. A pessoa toma um copo de água contendo uma pequeníssima quantidade de L.S.D. e seja qual for a situação em que se encontra, bem ou mal instalada, vinte a trinta minutos mais tarde, vê-se assaltada por uma orgia de cores todas com um tom infinitamente mais vivo que as anteriores. Os sons também se amplificam ou modificam como aliás tudo o que se apercebe através dos sentidos. Pode mesmo dar-se um estado de reversão das sensações, a sinestesia, onde as cores produzem sons e onde a música é vista ao mesmo tempo que se ouve. Mas a seguir aparece uma experiência particularmente confusa: o indivíduo tem a sensação de se separar do seu próprio corpo, como um ovo da sua casca, com o sentimento de se ver do lado de fora. É neste estado de personalidade desdobrada que começa a sua estranha viagem.

O factor tempo daqui por diante e já desaturado, progride a grande velocidade, recua, ao contrário, para o passado ou fixa-se numa imobilidade completa. É nessa altura que surge o sentimento «cósmico».

O «ego» ou personalidade construída a grande custo desagregam-se a intervalos constantes, como se fosse batido por vagas de uma maré alta.

Há uma confusão do «eu» — que contudo não é já capaz senão de sensações, privado de pensamento e de raciocínio — e do universo que o envolve. Encontra-se afogado numa massa palpitante onde a sua personalidade até então nitidamente delimitada, perde toda a identidade, como o próprio Leary admite, a maior parte dos indivíduos sentem neste momento uma angústia extrema. Perdem a sua identidade, afogam-se num oceano sem limites, e sem pontos de referência. Esta agressão, não

somente sobre o seu «eu» mas sobre toda a sua personalidade, é terrificante. Uns afundam-se ao ponto de lhes ser difícil voltarem a ser eles próprios. Outros, aceitam as recomendações de Leary abandonando-se a, livres deles próprios, deixam-se levar pela vaga cósmica.

Mensagem de paz e amizade do Comandante-Chefe das Forças Armadas

(Continuação da página cinco)

ças do novo aquartelamento de Muera, a primeira até agora realizada na frente de combate, na luta pela Paz que as nossas tropas são abrigadas a manter (desde 25 de Setembro de 1964) no norte de Moçambique, foi feita uma salva de 21 tiros de fogo real, com o tiro dirigido para áreas inimigas, facto que igualmente se registou pela primeira vez na Província.

O general francês Paul Vanuxem, antigo comandante militar da Indochina e da Argélia, que se encontra de visita à Província esteve nas ex-bases inimigas «Moçambique» «Gungunhana» e «Nampula», afirmou:

«Estas tropas que aqui no Norte de Moçambique se batem pela paz, estão mais bem preparadas e mentalizadas, para uma guerra de guerrilhas, do que estavam as tropas francesas no Norte de África e na Indochina. Parto de regresso a Paris vivamente surpreendido e impressionado».

A Redacção

SILÊNCIO

(Continuação da página dois)

silêncio mortal de nada haver a dizer — fujo de ti, ansiando por algo que não sejas tu, fujo dos teus olhos por onde a luz já não se escapa.

Eu quero um país onde se veja: onde os olhos não apodreçam sob, as pálpebras coladas.

Manuel Gomes Soares

DESPORTO

Por BORGES DA CUNHA

Numa atitude a todos os títulos louvável, o comando deste batalhão, coadjuvado por um Oficial e alguns Fuzileiros Milicianos, levou a efeito um torneio de Futebol de Salão que teve início no passado dia 18 de Julho, em que participaram as seguintes equipas:

Comando, Reg. Inf., Trms, Condutores, Sapadores e Mecânicos.

Após o desfile de todos os conjuntos em competição, teve lugar o primeiro jogo, pondo frente a frente a equipa do Comando e a dos Condutores.

Muito naturalmente veio ao de cima a superioridade nítida da equipa do Comando, chegando a estar a vencer por 7-1, perdendo o ritmo na parte final, pelo excesso de confiança e individualismo de alguns dos seus elementos, terminando o encontro com o score de 10 a 6, favorável ao Comando.

Até esta data foram disputados os seguintes jogos, distribuídos por 3 jornadas:

1.ª Jornada:

Cond., 6-Comando, 10
Mecân., 14-Sapa., 2
Rec. Inf.º, 2-Trms., 8

2.ª Jornada:

Mecân., 12-Cond., 3
Sapa., 1-Trms., 15
Rec. Inf.º, Comando, (a)

(a) — Este jogo será repetido em data a assinalar.

3.ª Jornada:

Comando, 2-Trms., 3
Cond., 5-Sapa., 2
Mecân., 0-Rec. Inf.º, 4

• • •

Na 3.ª jornada salientou-se a equipa do REC. INF. que cilindrou o team dos MECÂNICOS, tida, inicialmente, como vencedora. Todas as seus elementos souberam entreajudar-se e caminhar para uma clara e justa vitória.

O desespero apoderou-se da equipa derrotada que a partir da segunda parte jamais conseguiu encontrar a verdadeira coordenação entre os seus jogadores.

Muito interessada, com o desfecho deste jogo, a equipa das TRMS nunca se cansou de incitar a equipa do REC. INF.

• • •

Jogo no «Estádio de Macalagos». Sob a arbitragem do Fur. Mil.º Pais Ferreira as equipas alinharam e marcaram da seguinte maneira:

TRMS.: Cavaleiro, Sousa, 1 golo, Jorge, 2.º, Sá, Araújo, 1 golo.

COMANDO: Rocha, Rodrigues, Barreto, Mário, 1 golo, Antunes, 1 golo.

Logo no início o team das TRMS marcou um bonito golo por intermédio de Jorge que soube apro-

veitar, da melhor maneira, um deslize do defesa contrário, rematando para o ângulo mais longe sem qualquer hipótese de defesa para o guardaião Rocha.

Com este golo, a equipa das TRMS cresceu, vindo a marcar mais um golo por intermédio de Sousa, sendo logo secundado, pelo Araújo, com mais um golo de belo efeito.

Acreditando que poderiam ganhar por larga margem, esta equipa começou a praticar «futebol para a Ploteia», o que valeu à equipa do Comando rectificar o seu xadrez de jogo e começar a discutir a bola de igual para igual. Aos vinte e cinco minutos de jogo, o Comando, após um rápido contra-ataque, conseguiu furar as redes, à guarda de Cavaleiro, com um remate seco e bem colocado de Mário.

Foi com o resultado de 3-1, favorável às TRMS, que se atingiu o final da primeira parte.

Na segunda metade do encontro assistiu-se a um bonito espectáculo de futebol, pois as duas equipas lutaram sempre, procurando dar o seu melhor, buscando um resultado compatível com as suas reais candidaturas ao título.

Aos quarenta minutos, com um potente remate, à entrada do meio campo adversário e que fez levantar a vasta assistência. Antunes conseguiu obter o segundo tento da sua equipa.

Com a aproximação do final do encontro, a ganhar por 3-2, as TRMS começaram a fazer retenções de bola, segurando o resultado tão arduamente conquistado. A vitória assenta bem às TRMS mas se se gosisse o empate, o desfecho final não «escandalizaria ninguém».

Arbitragem boa.

Classificação Geral:

TRMS, 6 pontos; Mecânicos, 4, Comando, 2, REC. INF., 2, Condutores, 2, Sapadores, 0.

Melhores marcadores:

Jaime, (Mec.), 16 golos; Araújo, (TRMS), 14; Pereira, (Cond.), 7; Pinto, (Mec. 6; Sousa, (TRMS), 6.

Guardas-redes menos batido:

Cavaleiro, (TRMS), 5 golos sofridos; Sousa, (Rec. Inf.), 8; Mussá, (Mec.), 9; Rocha, (Coman.), 9.

Volta a Portugal em Bicicleta



JOAQUIM AGOSTINHO, brilhante vencedor em 1970

AS OPINIÕES DA IMPRENSA MUNDIAL

FRANÇA

PARIS — «O Brasil e Pelé são invencíveis.» — É com este título, a toda a largura de uma página, que o jornal desportivo francês «L'Equipe» resume o pensamento dos críticos desportivos da França, depois da final do Campeonato do Mundo de 1970.

Este entusiasmo não é no entanto extensivo ao jogo da final, disputado na cidade do México, entre as seleções brasileira e italiana.

«Como se esperava, o Brasil venceu o Campeonato do Mundo. Mas a final nunca encontrou o seu equilíbrio, o seu ritmo e a sua cor.»

INGLATERRA

Brasil campeão dos campeões.

LONDRES — A imprensa britânica aplaude ser reservas a vitória do Brasil:

«O Brasil provou ser campeão dos campeões. Na primeira parte os italianos dominaram, mas conseguiram apenas um golo, o suficiente para chegarem empatados ao intervalo.

«Na segunda parte não conseguiram manter a vantagem, porque era impossível resistir à magia brasileira» — escreve o «Times». Por seu turno, o «Daily Mail»

Brasil e Pelé são invencíveis

tem opinião de que «nenhuma outra equipa mereceu este lugar único no desporto, porque nenhuma outra equipa se preparou tão bem para conseguir essa posição, desde 1958.»

«Os brasileiros jogam o futebol que vende bilhetes» — declarou o comentador desportivo inglês Henry Thornberry, salientando que a equipa do Brasil nunca alterou a sua eficiente e atractiva tática de «tudo ao ataque».

Depois de lembrar que o Brasil marcou no torneio 19 golos e só sofreu 7, Thornberry disse:

«As formações da mentalidade defensiva não são com eles. No papel, eles utilizaram o 4X3X3, mas era frequente ver cinco e mesmo seis jogadores à frente. Na final, até os homens do meio-campo — Gerson e Carlos Alberto — marcaram.»

SUÉCIA

UMA VITÓRIA PARA O FUTEBOL

ESTOCOLMO — O matutino «Dagens Nyheter», de Estocolmo, escreve sob o título «Uma vitória para o futebol», que a Brasil con-

seguiu a vitória no Campeonato do Mundo marcando golos a que impeto e a velocidade não conseguiram tirar a marca de verdadeiras obras de arte.

Bobby Bystroem, director da secção desportiva do jornal, afirma no seu comentário que não consegue «imaginar outra selecção mais merecedora de arrebatador o troféu do que o Brasil. Na sua final vitoriosa, os novos Campeões Mundiais destruíram de uma voz para sempre o mito do futebol defensivo, e a marcação homem a homem como factores indispensáveis à vitória.»

Bystroem considera Pelé, Gerson e Carlos Alberto como os melhores elementos da equipa brasileira.

«A Itália soube enfrentar os campeões mundiais durante 66 minutos, depois foi tudo Brasil e só Brasil.»

«Teria sido mais justo que a Alemanha ou a Inglaterra defrontassem o Brasil na final. Teríamos assim assistido a um encontro com a duração de 90 minutos. Teremos agora que esperar até 1974, em Munique» — conclui Beystroem.

(Continua na página 10)



PASSATEMPO



RISO DE RAJADA

ANEDOTAS

Um inglês pediu e obteve o divórcio porque a sua mulher, cada vez que lhe pregava um batão na sua roupa apresentava-lhe a conta.

— Como está sua mulher?
— Mais ou menos; queixa-se de frio nas costas...
— É preciso cuidar!
— Não; ela diz que precisa de um casaco de peles!...

Rapaz! Rapaz! O que é que há de bom neste restaurante?
— A filha do patrão, senhor...

— O meu aparelho de rádio é tão perfeito, que não tem ruído algum.

— Pois o meu é mais perfeito ainda: não funciona!

— Ah, minha cara amiga! Faça hoje quarenta anos! Quarenta anos às costas, não é brincadeira!
— É verdade! E ainda se fosse só nas costas...

O bêbado:
— Vejo tudo a dobrar...
Os gémeos:
— Nada disso! Nós somos gémeos.

O bêbado:
— Os quatro?

— Eu sou muito compreensiva. Quando discuto com o meu marido, deixo-o sempre dizer a última palavra.

— É o que é que ele diz?
— Desculpa Querido...

SONHO

O médico do Manicóquio pergunta ao doente:

— Sonha muito de noite?
— Muito!
— Com quê?
— Com jogos de futebol!
— Sempre?
— Sempre. Sonho que sou guarda-redes.

— Mas nunca sonha com outro coisa?

— Não, senhor. Só com futebol.
— E nunca sonhou com mulheres?

O doente sorri:
— Deus me livre, doutor! Para me distrair com elas e deixar entrar gol!

O Joãozinho de 10 anos telefonou para a professora:

— Minha senhora, o Joãozinho está muito doente e não poderá ir hoje à escola.

— Tenho muita pena — diz a professora.

— Posso saber com quem estou a falar?

— Daqui fala o meu pai!...

— Mãe — queixa-se a pequena Luísa:

— Dás sempre à Irene o bocado maior do bolo!

— Pois dou, minha filha; pois se ela é a mais crescida!

— Pois é e há-de continuar a sê-lo se tu lhe deres sempre a parte maior!...

Dois automobilistas «destravados» conversam:

— Como conseguiste tu cortar a pneumática do teu automóvel?

— Passei com ele por cima de uma gorrafa de leite na estrada.

— Então não a viste?

— Não a velha levava-a debaixo da chaile!...

A água desta terra tem prestado grandes serviços à humanidade!

— É verdade, doutor?

— Se é! A minha sogra abriu-lhe o apetite de tal forma que morreu duma indigestão!...

O Juiz, olhando o réu severamente:

— Porque bateu na sua mulher?

— Foi um impulso súbito! — explicou o réu.

— Perfeitamente! Pois também num impulso súbito, vou mandá-la trinta dias para a cadeia.

— Está bem, — disse o prisioneiro tristemente — mas o Sr. Juiz vai causar uma interrupção na nossa lua-de-mel!...

MARIDO — A que horas pensas regressar a casa?

A ESPOSA — A hora que me dê na recl ganai!

MARIDO (autoritário) — Está bem! Mas nem um minuto mais tarde, ah!

BRUXA — Lamento dizê-lo, mas a senhora enviuará em breve.

O seu marido morrerá de morte violenta.

CLIENTE (ansiosa) — E eu terei absolvida?

OS PONTOS NOS 11:

ELE — Mas querida, já te disse milhares de vezes que para mim, só existe uma mulher!

ELA — Bem sei. Mas não me disseste quem ela é!

CARLOS FERREIRA

1.º Cabo escriturário

BOM HUMOR

AS MENINAS D'AGORA

(Epigrama)

Não há, Não há,
Nem cá nem lá,
Moças assim...
Nunca as vi sim,
Nem tão bonitas,
Nem tão catitas,
Nem tão amáveis,
Nem tão prestáveis,
Nem tão galantes,
Nem tão gigantes,
Nem tão direitas,
Nem tão perfeitas,
Nem tão vistosas,
Nem tão jeitosas,
Nem tão distintas,
Nem tão retintas,
Nem tão prendadas,
Nem tão fedodas,
Nem tão cantoras,
Nem tão doutoras,
Nem tão iguais,
Nem tão reais,
Nem tão notáveis,
Nem tão saudáveis,
Nem tão garridas,
Nem tão polidas,
Nem tão modestas,
Nem tão pra festas,
Não há, não há,
Nem cá nem lá,
Moças assim...

Oh! quanto a mim!
Não sei que mais
Nestes finais
Dizer aqui.
Eu nunca vi
Meninas tais
Tão divinas,
Tão procuradas,
Tão bem achadas,
Tão casadeiras...
E tão solteiras!

— Um homem pode ver sem olhos? — perguntou o Pedro ao Carlos, seu companheiro de colégio.

— Já se vê que pode, — respondeu o Carlos imediatamente.

— Não pode tal, — replicou o Pedro, intrigado com a resposta, que não esperava.

— Pode perfeitamente, já te disse, e repito; — retorquiu o Carlos.

— Então diz lá como! Sempre quero ouvir isso.

— Pode ver com um.

Um Soldado escreve à Mãe dizendo:

— Minha Mãe o Zé da Adelina já lérpou e foi para aí.

Responde-lhe a Mãe:

— Filho, vê lá se lérpas depressa, para te vires embora também.

VICTOR DINIZ

— Será verdade o que diz o Sarmento, que, em trinta anos de casado, nunca disse à sua mulher uma palavra áspera?

— Deve ser por uma razão simples: porque nunca se atreveu a isso!

(Continuação da página 9)

As opiniões da imprensa mundial

Brasil e Pelé são invencíveis

ITALIA

O TÍTULO PARA A MELHOR EQUIPA!

ROMA — «O Brasil é campeão. Coube-lhe esse mérito, o título foi para a equipa que jogou melhor» — afirma, em título a primeira página, «Il giorno», da Milão, sintetizando a opinião da maioria dos italianos.

Num país onde o futebol — e o jornalismo desportivo que lhe faz a crónica — desencadeada frequentemente manifestações de histeria colectiva a vitória de 4-1 do Brasil sobre a Itália na final do Campeonato do Mundo foi encarada com menos excitação do que é habitual.

É no entanto provável que o sentimento experimentado pelos italianos em relação aos seus «azurri» (azuis) — a que não falta uma ponta de decepção — desapareça dentro de dois ou três dias, para dar lugar às recriminações, à responsabilização dos dirigentes desportivos e à censura da orientação que adoptaram. Tradicionalmente, as coisas passam-se assim na Itália.

De momento, os títulos dos jornais traduzem outro sentir:

«No Mundo, só o Brasil é melhor do que a Itália» («Gazzetta Dello Sport»), «segundo lugar honroso» (Paese Sera) «Bom trabalho, estamos agradecidos na mesma» («Il Messaggero»).

Em editorial, «Il Messaggero» acrescenta: «Voltamos do México com a cabeça levantada; com honra, e com o coração cheio de legítimo orgulho.»

A única nota discordante é dada pelo «Corriere Dello Sport», que escreve, em título «Brasil Manífico, Itália Suicida», e manifesta grande indignação pelo facto de Rivera ter substituído Poninsigno — duo que deu excelentes provas em jogos anteriores — apenas a sete minutos do final. Lamentou também que a Itália tenha jogado com «a sua habitual mentalidade defensiva».

PASSATEMPO CULTURAL

Concurso Literário

No seu desejo, de valorizar culturalmente todos os militares pertencentes ao B. Caç. 2908, resolveu este Comando levar a efeito um CONCURSO LITERÁRIO nos seguintes moldes:

01—A este concurso poderão concorrer todos os militares que pertencem ao B. Caç. 2908 ou que a ele estejam adidos.

02—Modalidades:

POESIA (Tema livre);
CONTOS (Tema livre);
DESCRIÇÕES (paisagens, operações militares, terras, viagens);
ANEDOTAS.

03—Os trabalhos deverão ser datilografados ou redigidos em letra bem legível, numa só face do papel. Quando ocuparem mais de uma folha, deverão estas ser numeradas.

04—Todos os trabalhos deverão ser assinados com um pseudônimo acompanhado dum envelope fechado contendo interiormente a identificação do autor e exteriormente o mesmo pseudônimo com que os trabalhos vêm assinados.

05—Todos os concorrentes deverão enviar os seus trabalhos para:

CONCURSO LITERÁRIO

S. P. M. 1314

até ao dia 27 de Agosto

06—Cada concorrente poderá apresentar até ao dia 27 de Setembro ao concurso um número ilimitado de trabalhos, podendo concorrer a todas as formas literárias ou somente daquelas que lhe interessar. Os trabalhos que não forem originais serão desclassificados pelo júri.

07—Serão premiados os dois melhores trabalhos de cada forma literária, sendo atribuídos os seguintes prémios:

Poesia:

- 1.º Prémio — 200\$00
2.º Prémio — 100\$00

Conto:

- 1.º Prémio — 200\$00
2.º Prémio — 100\$00

Descrição:

- 1.º Prémio — 200\$00
2.º Prémio — 100\$00

Anedotas:

- 1.º Prémio — 50\$00
2.º Prémio — 30\$00

08—Os trabalhos serão classificados por um júri a nomear para o efeito. Os premiados serão oportunamente publicados no jornal HORIZONTE.

09—Do resultado da classificação será dado conhecimento a todas as Companhias, fazendo-se imediatamente a distribuição dos prémios respectivos.

10—Algumas dúvidas que surjam referentes ao presente regulamento, devem ser dirigidas por escrito para:

CONCURSO LITERÁRIO

S. P. M. 1314

às quais se procurará dar a resolução conveniente.

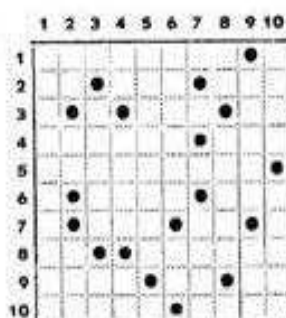
11—Os trabalhos premiados farão parte dum espectáculo recreativo que será apresentado em todas as Companhias.

PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS — 1 — Fazer penetrar por injeção; 2 — Sincero (fig.); Companhia da Aviação Oomercial Americana; Nome de letra. 3 — Mil e seis romanos; preposição. 4 — Planta malvacea africana; palavra usada no recetário médico que significa «em parte iguais». 5 — Do uréter. 6 — Moeda italiana; a barlavento. 7 — Rio da Europa; nota musical (inv.). 8 — Seguir; adágio. 9 — Lago onde desagua o rio Amu Daria; viração; símbolo químico da prata. 10 — Óculos; tosto.

VERTICAIS — 1 — Iniquidades. 2 — Despido; antiga cidade; arca. 3 — Beco; nome de mês. 4 — Pata (inv.); moeda portuguesa de Diu; nesse tempo. 5 — Cidade australiana. 6 — Rio de Portugal; título dado ao soberano da Pérsia. 7 — Terreno liso e duro onde se secam os cereais. 8 — Parte do navio que vai da popa ao mastro grande; aracnídeo que produz o sarna. 9 — Ácido fénico; defeito. 10 — Divisa; oráculo.

Palavras cruzadas



ALFARAUO

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

POEMA

DESPEDIDA

Amor, partem tão tristes
meus olhos por ti, meu bem
Que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos
Tão doentes da partida,
Tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida,
partem tão tristes os tristes
tão fora de esperar bem
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

VICTOR DINIZ

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

07—O apuramento das fotografias será feito da seguinte forma:

— Todas as fotografias serão numeradas;

— Serão levadas a todas as Sub-Unidades uma exposição itinerante, a fim de que todos os militares possam votar nas 10 fotografias que se lhes afigurarem melhores;

— A votação será feita em impressos próprias distribuídos gratuitamente para o efeito.

— As 10 fotografias mais votadas serão posteriormente apreciadas por um júri a nomear para o efeito;

— Do resultado da classificação será dado conhecimento a todas as Sub-Unidades, fazendo-se a distribuição dos prémios respectivos.

08—Os casos omissos no presente regulamento serão apresentados superiormente por escrito, endereçados a este Concurso e resolvidos por este Comando.

Concurso de Fotografia

Tendo-se verificado haver entre os militares que constituem esta Unidade um grande número de amadores fotográficos, resolveu este Comando organizar um concurso de fotografia.

Assim, foi elaborado o seguinte regulamento:

01—A este concurso podem concorrer todos os militares, que de qualquer forma dependam do B. Caç. 2908, quer pertençam ao seu Q. O. quer a ele estejam adidos.

02—Para o efeito do preceituado no n.º anterior, os interessados deverão enviar a Concurso de Fotografia — S. P. M. 1314, os seus trabalhos (em número ilimitado) juntamente com um envelope fechado, contendo a sua identificação, pelo que exteriormente não devem constar os nomes dos remetentes.

03—Os trabalhos referidos no n.º anterior, deverão ser enviados de forma a darem entrada neste Comando até às 17 horas do dia 10 de Setembro de 1970.

04—Todas as fotografias deverão obedecer ao que seguidamente se preceitua:

- a) Formato 9X12
b) Preto e branco
c) Assunto:

— De interesse psicológico
— De interesse paisagístico.

05—Para o efeito são estipulados os seguintes prémios:

- 2—primeiros de 400\$00
2—segundos de 200\$00
6—Menções honrosas acompanhadas de 50\$00 cada.

06—As fotografias premiadas ficarão sendo propriedade deste Comando, sendo as restantes devolvidas aos seus legítimos proprietários.

A BARRAGEM DE CABORA BASSA EM MOÇAMBIQUE

A barragem de Cabora-Bassa situa-se cerca de 120 kms. a montante de Tete, num troço do rio Zambeze onde a zona inferior do vale tem a forma de garganta, com vertentes entre as cotas 250 e 330 constituídas por escarpas quase verticais. Para cima, as vertentes continuam a ser inclinadas até atingir a base da zona planáltica, entre as cotas 600 e 700. O talvegue do rio situa-se aproximadamente à cota 180. É de facto invulgar a panorâmica do aproveitamento.

A barragem, encaixada num vale em forma de U com ligeira assimetria na parte superior, tem uma altura de 160 metros e um desenvolvimento, ao nível de coroamento, igual a 305 metros.

O tipo da barragem é de abóbada de dupla curvatura. O volume de betão a utilizar no corpo da barragem e encontros é inferior a 500 mil metros cúbicos.

Em relação à maior barragem metropolitana, Cibril, a Barragem de Cabora-Bassa tem cerca do mesmo desenvolvimento e perto de 30 metros mais de altura.

Como índice de interesse citar-se-á a relação entre a potência de aproveitamento e o volume de betão da barragem. Em Cabora-Bassa, por cada metro cúbico de betão na barragem são instalados 8,6 KW; para a maior hidro-eléctrica do mundo (Savans na URSS), aquela relação é de, apenas 0,69 KW.

Os órgãos de descarga, na barragem de Cabora-Bassa, são constituídos por 6 orifícios, munidos de comportas planas, com 8 metros de altura por 10 metros de largura. Ao nível de pleno de armazenamento, a descarga total é cerca de 12,5 mil metros cúbicos por segundo; à cota de máxima cheia a descarga poderá atingir cerca de 14 mil metros cúbicos por segundo. Para situação de emergência, a barragem dispõe ainda de um descarregador de crista, formado por 10 troços, cada um com 14 metros de largura e 2 de altura.

Para a potência máxima a instalar em Cabora-Bassa, o caudal turbinado é cerca de 4 mil metros cúbicos por segundo.

Para uma avaliação relativa, poder-se-á citar que o caudal em Cabora-Bassa é igual à descarga

máxima dos evacuadores de cheias da barragem de Castelo do Bode e ainda da mesma ordem de grandeza das cheias normais do Tejo.

O sistema de transporte de energia de Cabora-Bassa para a República da África do Sul constituirá o mais longo (cerca de 1.400 Kms.) e com a maior capacidade de potência que será projectada. Na solução prevista de transporte em corrente contínua, a linha poderá transportar 2 milhões de KW à tensão de mais ou menos 533 KV.

Presentemente e a uma escala da mesma ordem de grandeza, apenas se poderá citar que está em curso a instalação de 2 linhas da Pacific Interties, interligação da costa do Pacífico, que ligarão a fronteira dos E. U. A. com o Canadá e Dallas, no Estado de Colorado. Uma das linhas terá 1.350 Km. e a outra 1.330 Km, para um bloco de potência de cerca de 1,5 milhões de KW, transportada também em corrente contínua à tensão de mais ou menos 400 KV. Uma dessas linhas deverá já estar ao serviço e a outra estará pronta em 1971. A linha que ligará a subestação de Cabora-Bassa à subestação conversora terminal na República da África do Sul, prevê-se venha a entrar ao serviço em fins de 1973.

Ainda como apontamento relativo ao empreendimento de Cabora-Bassa, terá também interesse referir que a população prevista durante a construção do aproveitamento é equivalente à da cidade de Viana do Castelo ou de Castelo Branco.

Finalmente não poderiam deixar de ser nomeadas as medidas de protecção e valorização dos valores naturais da área da albufeira que, fazendo parte do empreendimento, não são objecto de concurso.

Vêm já recebendo a maior atenção do Governo as providências necessárias para a deslocação e realojamento de cerca de 23.000 almas que habitam actualmente na área inundada pela albufeira.

Neste âmbito, as medidas tomadas visam melhores condições de existência para a população deslocada, que será preparada para o surto de desenvolvimento que o empreendimento irá criar.

Outras das medidas será a da protecção da fauna da zona da albufeira. Esta importante tarefa será conduzida por biólogos experimentados e, para ela, providenciar-se-á agir em ligação com a Sociedade Internacional de Protecção aos Animais.

Para o desenvolvimento da actividade piscatória, proceder-se-á à desmatção total das vastas áreas da albufeira, de modo a vir a permitir a pesca de arrasto da fauna piscícola.

O empreendimento de Cabora-Bassa, como já é bem conhecido da própria imprensa internacional, está intimamente ligado ao plano geral de desenvolvimento do vale do Zambeze. O interesse do aproveitamento não é unitário, mas de facto, múltiplo. Para além da energia e da rega, a barragem de Cabora-Bassa permitirá a solução económica para a exploração dos recursos já inventariados e cujas possibilidades foram já seleccionadas: será dominado o regime de cheias e de estiagens do rio. A regulação de caudais do Zambeze que o aproveitamento de Cabora-Bassa também dominará, virá abrir a grande via de acesso para o mar, a navegação fluvial que constituirá a espinha dorsal para o transporte dos produtos do grande vale do Zambeze português.

A bacia hidrográfica de aproveitamento de Cabora-Bassa cobre uma área do ordem dos 900.000 quilómetros quadrados, isto é, quase o dobro da área da

Península Ibérica. A albufeira de Cabora-Bassa estende-se sobre uma superfície de cerca de 2.800 Km² e o seu volume é da ordem dos 63 mil milhões de metros cúbicos. Na sua maior extensão a albufeira N superior a 250 Kms.

Como elementos de apreciação para uma avaliação relativa às dimensões e capacidade da albufeira de Cabora-Bassa, são sugestivas as seguintes comparações:

A área inundada pela albufeira de Cabora-Bassa é da mesma ordem de grandeza da área do distrito de Lisboa (2.761 Km²).

Na sua maior extensão, a albufeira mede sensivelmente o mesmo que a distância por estrada de Lisboa a Aveiro. A relação entre o volume total e o volume útil da albufeira de Cabora-Bassa é extraordinariamente elevado: Para um volume total de 63 mil milhões de metros cúbicos, são aproveitáveis 80%, isto é, 52 mil milhões.

Repare-se que a albufeira de Kariba, o maior lago artificial existente em África, tem um volume total de 160 mil milhões de metros cúbicos, mas são aproveitáveis apenas 44 mil milhões, portanto menos do que 30% do total.

Em relação à maior albufeira metropolitana, a capacidade de Cabora-Bassa é cerca de 60 vezes a capacidade útil de Castelo do Bode (870 milhões de metros cúbicos).

Nota curiosa: a água contida no lago de Cabora-Bassa daria para abastecer a população actual de Lisboa durante mil anos.



Paisagem de Cabora Bassa onde está a ser construída a barragem